

TAMBÉM ESTÁVAMOS COM SAUDADES, LIBERTADORES!

Depois de três anos, o Tricolor está de volta à principal competição sulamericana. Tetra à vista? *p.18*

Entrevista: Palhinha

“Fazer o que eu fiz nos quatro anos dentro do SPFC não vai ter” *p.24*

Especial Lucas

O garoto vermelho, preto e branco *p.10*



Expediente

Vinícius Ramalho – Editor Chefe
Alessandra Nogueira – Repórter
e Jornalista Responsável
Gustavo Ramalho – Colunista e Editor
Leonardo Léo – Colunista e Reporter
Thiago Moura – Colunista e Reporter

Erika Ostark – Design
Alexandre Ramos – Soluções Digitais
Lucas Martins - Arte Tricolor

Colunistas: Alberto Ferreira, Bruno Fekuri,
Fabrício Gomes, Jussara Araujo, Renato
Ferreira, Roney Altieri, Ulises Cárdenas.

Número 01/2013 - Ano 01
Periodicidade mensal

@RevistaTMQ

facebook.com/RevistaTMQ

www.tricolormaisquerido.com.br

Mais um passo!

Sempre ao lado da torcida tricolor

Quando o projeto TMQ começou lá em 2006 como um Blog, a ideia era unir amigos tricolores que estavam em suas cadeiras na universidade de Jornalismo e exercitar o que era aprendido, falando do clube de coração.

O projeto cresceu e em 2009 criamos um site que começou a ser conhecido por toda a Nação de três cores. Em 2011 conquistamos dois troféus (Melhores Entrevistas e Site mais bonito) no Prêmio Melhores da Web Tricolor. Iniciativa do site SPFC Digital em parceria com o São Paulo Futebol Clube e o Blog do Torcedor do Globo.com do Daniel Perrone.

Hoje temos quase 11 mil seguidores no Twitter, mais de 5 mil no Facebook e isso mostra a seriedade do nosso projeto. Agora é hora de dar um novo passo!

Viramos uma revista eletrônica para ocupar uma lacuna no momento em que o São Paulo não tem uma publicação com essa cara. Um projeto inovador, com uma equipe formada acima de tudo por pessoas que sempre estão nas arquibancadas do Morumbi e que torcem fervorosamente pelo Mais Querido.

Contando com a ajuda de você leitor e dos nossos parceiros de outros sites que nos aproximamos durante o tempo da existência desse espaço tricolor, queremos crescer e sempre superar as expectativas de quem prestigiar nossa revista mensalmente.

Nessa primeira edição não poderíamos falar de nada diferente da nossa volta ao torneio que mais gostamos de disputar: A Libertadores. Entrevistamos um grande ídolo, Palhinha, que era peça fundamental na máquina do início da década de 90 que apresentou o Tricolor para o mundo.

Além disso, teremos várias colunas que vão falar de momentos históricos do São Paulo, um grande torcedor contando sua história e matérias sobre acontecimentos importantes nesse mês que marcou o início do ano que voltamos para principal competição Sul-Americana.

Espero que gostem desse novo canal e a interação dos nossos leitores para que esse projeto seja um sucesso é fundamental.

Assim como no nosso hino que diz que o clube ostenta dignamente o nome da capital paulistana, vamos procurar fazer o mesmo: Honrar o nome do glorioso São Paulo Futebol Clube nas páginas da nossa revista.

AVANTE MEU TRICOLOR!

VINÍCIUS RAMALHO
diretor de redação





**SURUGA bank
Championship**

De volta ao Japão!

A conquista da Copa Sul-Americana garantiu ao Tricolor a possibilidade de voltar à terra onde conquistou seus três títulos mundiais. Em 07 de Agosto o São Paulo enfrentará o Kashima Antlers na cidade de Ibaraki em confronto que valerá a Copa Suruga Bank.



Foto: Vipcomm

🇧🇷 O São Paulo tem pensamento de grandeza

(...) Estou feliz com a mudança de casa.

Estou me sentindo super bem. 🇧🇷

O 2013 promete muita coisa boa. 🇧🇷

Paulo Henrique Ganso, em entrevista ao UOL Esporte

DERRUBOU O SITE

A contratação do zagueiro Lúcio trouxe euforia para a torcida são-paulina. O anúncio foi feito em primeira mão no site oficial do SPFC. A quantidade de acessos foi tamanha que o site não agüentou e saiu do ar.



Foto: MoWA Press

⚡ (uma pena!

Negueba mal chegou no Tricolor e sofreu séria lesão joelho. Ficarà pelo menos seis meses sem jogar. O atacante de 20 anos tem contrato de empréstimo de um ano com o SPFC.

Força garoto!

R\$7 MILHÕES

O São Paulo vendeu Lucas ao PSG em Agosto, porém optou por receber só em Janeiro quando jogador se apresentasse em Paris. A cotação do Euro subiu e o Tricolor embolsou mais R\$ 7 milhões nessa brincadeira!

Sem deixar saudades

Jogadores pouco aproveitados deixaram o São Paulo durante a pré-temporada. Os volantes Cícero e Paulo Assunção tiveram seus contratos rescindidos e defenderão Santos e La Coruña, respectivamente.



Foto: saopaulofc.net

“ESTOU AQUI PARA FAZER O MEU PAPEL. VOU ME ADAPTAR, EVOLUIR FISICAMENTE E AJUDAR A EQUIPE.”

Jadson, sobre as mudanças táticas promovidas por Ney Franco para a temporada 2013

“PAIXÃO CLUBÍSTICA E MOTIVAÇÕES SUBALTERNAS”

Uma nota no site da “Época Negócios” gerou revolta na cúpula Tricolor ao afirmar que São Paulo e Penalty teriam divulgado valores divergentes dos reais para colocar o contrato no mesmo patamar dos firmados por Flamengo/Adidas e SCCP/Nike. Por meio de nota oficial, o São Paulo rebateu a matéria a classificando de “material jornalístico absolutamente imprestável” e questionou as motivações do jornalista responsável pela matéria.

1.000.000

Bom negócio? – Pelo valor aproximado de 1 milhão de Euros, o São Paulo aceitou negociar o atacante Henrique com o Botafogo. O jogador foi eleito o melhor jogador do último Mundial Sub-20, mas nunca conseguiu se firmar no Tricolor.

DE ONDE TIRARAM ESSA ?

Alguns veículos afirmam que o São Paulo corria risco de ficar sem o Morumbi no duelo da pré-Libertadores, pois o Bolívar teria solicitado veto ao estádio do alegando problemas de segurança. O São Paulo entrou em contato com o presidente do time boliviano que afirmou não ter restrições em atuar no Morumbi e alegou não saber de onde surgiam essas notícias.



Foto: saopaulofc.net

Sei da minha responsabilidade

Vestir a camisa do São Paulo é uma grande honra e traz muita responsabilidade para qualquer jogador.

Wallyson, artilheiro da Libertadores 2011 que se junta a lista de reforços para 2013 junto com Lúcio, Negueba e Aloísio.



Foto: Wagner Carmo/Vipcomm

BATALHA VENCIDA:

QUE VENHA A GUERRA!

por VINÍCIUS RAMALHO



Quando o Mito Rogério Ceni fez o gol de falta aos seis minutos de jogo, contra o Bahia em Pituvaçu, muitos achavam que aquilo representava “somente” o despertar de um ídolo que, depois de uma lesão no ombro, balançava as redes novamente após sete meses afastado dos gramados.

Podia até ser, mas ali começava a caminhada Tricolor para um título inédito – fato raro em nossa galeria de troféus.

Na fase nacional passamos pelo Bahia sem fazer muita força. Duas vitórias por 2 a 0 e estávamos na fase internacional da competição.

O adversário nas oitavas de final era o desconhecido equatoriano Liga de Loja. Após enfrentar uma viagem interminável para chegar até a cidade de Loja, o Tricolor Mais Querido fez o primeiro jogo em um estádio acanhado e saiu com um empate em 1 a 1. No jogo de volta, quando todos esperavam um atropelamento tricolor, empate sem gols com direito ao juiz ignorar três penalidades a favor do Tricolor Mais Querido.

Estávamos nas quartas de final e o adversário era nada mais nada menos que os atuais campeões da competição. A Universidad de Chile só assustou pelo retrospecto, pois em Santiago vencemos por 2 a 0 com direito a bela atuação de William José. Na volta, jogando no Estádio Municipal da Cidade de São Paulo, fizemos a festa e goleamos por 5 a 0.

Parecia coincidência, mas era uma fase tranquila, como foi contra o Bahia e a La U, e outra fase complicada, como foi contra a Liga de Loja. Seguindo essa lógica na semifinal teríamos um confronto complicado – e foi o que aconteceu contra a Universidad Católica.

Empate no Chile por 1 a 1 abusando da capacidade de perder gols e, em um Morumbi lotado, empatamos sem gols com direito a emoção até o último minuto do jogo.

Estávamos na final e o adversário seria o Tigre da Argentina. Não fosse pela catimba dos nossos hermanos, o time do país vizinho não deveria ser temido. Dono de um estádio pequeno – que não poderia ser palco da decisão por conta das regras da competição – fomos até La Bombonera, onde empatamos em 0 a 0. Jogo de um tricolor pouco inspirado e com o craque Luís Fabiano expulso logo no início da partida por desentendimento com um jogador argentino. Porém, nada que pudesse preocupar a nação que esgotou os ingressos para a grande decisão.

Mesmo sem nosso camisa 9, o Tricolor tinha um protagonista. Lucas prometeu que sairia do São Paulo deixando um título para a torcida e foi peça fundamental no jogo que não acabou. Fizemos 2 a 0 e o time que desde o primeiro jogo só pensou em violência esquecendo o futebol, teve que engolir a torcida são paulina gritar olé já no primeiro tempo de partida.

Não engoliram. Bateram até cansar sobretudo em Lucas que, na bola, humilhou os argentinos. E quando ele foi tirar satisfação pelo jogo desleal dos argentinos, uma confusão se iniciou e o time do Tigre se recusou voltar para jogar o segundo tempo.

Assim estava sacramentado: São Paulo Campeão da Sul-Americana 2012.

Muitos podem achar que trata-se de um torneio secundário no nosso continente. Isso é fato! Mas a Sul-Americana serviu para talhar jogadores do elenco atual para a guerra chamada Libertadores.

Um título que começou com gol do Mito, teve arbitragens discutíveis, discussão entre Rogério e Ney Franco, jogo com emoção até o último minuto, muita pancada pra cima de quem joga mais bola e terminou com a redenção de mais um ídolo para nossa história.

Vencemos a batalha da Sul-Americana. Que venha a guerra da Libertadores!

São Paulo 2 x 0 Mirassol FC

18 de janeiro de 2013



Público: 14.783 Renda: R\$ 403.652,00 Estádio: Morumbi

Gols: SÃO PAULO: Luis Fabiano, aos 12 minutos do primeiro tempo. Jadson, aos 36 minutos do segundo tempo.

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Douglas (Paulo Miranda), Lúcio, Rhodolfo e Carleto; Wellington, Denilson e Ganso (Cafete); Jadson, Osvaldo e Luis Fabiano (Aloísio).

Depois de uma curta pré-temporada o São Paulo fez sua estréia em 2013. A expectativa era de como o time se portaria sem a presença de Lucas. Apesar da falta de entrosamento e do desgaste da preparação o time venceu e teve lampejos de bom futebol. Ganso participou do primeiro gol com um lindo toque de calcanhar, Osvaldo se movimentou bastante, Luis Fabiano aproveitou a chance que teve e Jadson participou muito do jogo, mostrando que merece ser titular. A parte defensiva não funcionou bem e o Mito teve que fazer pelo menos três grandes defesas. Mas tudo dentro dos conformes para um time em início de temporada e com a cabeça no duelo da pré-Libertadores.

São Paulo 5 x 0 Bolívar

23 de janeiro de 2013



Público: 41.838 Renda: R\$ 1.383.036,00 Estádio: Morumbi

Gols: SÃO PAULO: Osvaldo, aos sete, e Luis Fabiano, aos 20 e aos 45 minutos do primeiro tempo; Jadson, aos 14, e Rogério Ceni, aos 17 minutos do segundo tempo.

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Douglas, Lúcio, Rhodolfo e Cortez; Wellington, Denilson (Casemiro) e Jadson (Ganso); Aloísio (Cafete), Osvaldo e Luis Fabiano.

Sem sustos o Tricolor atropelou o Bolívar. Ney Franco mudou o time na última hora: Ganso foi sacado e Aloísio teve sua primeira oportunidade como titular. A mudança deu resultado. O São Paulo adiantou a marcação, logo se impôs e com um golaço de Osvaldo abriu o placar. Ainda no primeiro tempo, Luis Fabiano marcou duas vezes e justificou sua recente volta à seleção brasileira. Jadson, o melhor em campo, coroou a atuação com um belo gol após ótimo contra ataque puxado por Lúcio que achou o infernal Osvaldo livre na ponta. A festa foi completa com gol do Mito em cobrança de pênalti.

São Paulo 2 x 1 Atlético Sorocaba

26 de janeiro de 2013



X



Público: : 6.966 Renda: R\$ 190.531,00 Estádio: Morumbi

Gols: SÃO PAULO: Luis Fabiano, aos 12 minutos do primeiro tempo. Jadson, aos 36 minutos do segundo tempo.

SÃO PAULO: : Denis; Paulo Miranda (Rodrigo Caio), Rafael Tolo, Edson Silva e Carleto; Casemiro, Maicon (Tiago), Cañete e Ganso; Ademilson e Aloísio (Lucas Farias).

Ney Franco optou por preservar o time titular para o confronto decisivo contra o Bolívar. Mesmo sem fazer grande partida o São Paulo emplacou sua terceira vitória no ano. O jogo foi marcado pelo primeiro gol com a camisa do São Paulo de dois jogadores que a torcida espera muito em 2013. O Maestro Ganso marcou após escorar de cabeça cruzamento feito por Carleto. Cañete, que teve mais uma atuação bem consistente, marcou um golaço de fora da área.

Bolívar 4 x 3 São Paulo

23 de janeiro de 2013



X



Público: Não divulgado Estádio: : Hernando Siles, La Paz (Bolívia)

Gols: SÃO PAULO: Luis Fabiano, a 1 minuto, Jadson, aos 15, e Osvaldo, aos 34 minutos do primeiro tempo; BOLÍVAR: Ferreira, aos 37 minutos do primeiro tempo e aos 29 minutos do segundo tempo; Cabrera, aos 13 e aos 24 minutos do segundo tempo.

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Paulo Miranda; Lúcio, Rhodolfo e Cortez; Wellington (Casemiro), Denilson e Jadson; Douglas, Osvaldo (Cañete) e Luis Fabiano (Aloísio) Osvaldo e Luis Fabiano.

O São Paulo decidiu a classificação para a fase de grupos da Libertadores na incômoda altitude de La Paz. Jogou apenas 35 minutos e nesse tempo ampliou a vantagem conquistada no Morumbi. Fabuloso, Jadson e Osvaldo marcaram e liquidaram a disputa. O Tricolor abriu 8 gols de vantagem no confronto e parou de jogar. Um misto de cansaço e acomodação fizeram que o São Paulo levasse a virada no segundo tempo e conhecesse o primeiro revés em 2013. Da pré-libertadores tiramos duas grandes lições: Libertadores não dá espaço para comodismo e time grande não cai na Pré...



LUCAS: O GAROTO VERMELHO, PRETO E BRANCO

por LEONARDO LÉO



“VOU DAR ESTE TÍTULO PARA A TORCIDA DO SÃO PAULO, NEM QUE EU TENHA QUE DAR O SANGUE DENTRO DE CAMPO”.

Essas foram as palavras de Lucas dias antes da grande final da Sul-Americana. Quis o destino que um dos seus últimos atos dentro do Morumbi, vestindo a camisa tricolor, fosse realmente derramar sangue após uma cotovelada maldosa de um adversário.

Sangue e suor que, juntos a um gol e uma assistência, valeram um título inédito para o São Paulo Futebol Clube. Assim Lucas, que um dia foi Marcelinho, que um dia vestiu a camisa 37 e partiu vestindo a camisa 7, que de promessa virou craque e que de criticado se tornou ídolo, se despediu do São Paulo.

Lucas apareceu na Copa São Paulo de 2010. Vestindo a camisa 10, o jogador foi o grande destaque do Tricolor na Copinha e, ao lado do capitão Bruno Uvini, de Lucas Gaúcho e de Ronieli, foi campeão.

Na conquista do Tri da Copa São Paulo o até então Marcelinho chamava a atenção por sua habilidade, ousadia e velocidade. Sempre caindo pelas pontas do campo o baixinho era um inferno para os seus marcadores.

Sua primeira oportunidade no time profissional veio no mesmo ano. “Marcelinho” estreou contra o Atlético Paranaense na Arena da Baixada, marcou seu primeiro gol contra o Atlético Mineiro no Ipatingão e fez a sua primeira grande atuação no clássico contra o Palmeiras, marcando um goloço e calando o Pacaembu. A partir daí o garoto pediu para não ser mais chamado pelo apelido e sim pelo nome de batismo. Prazer, meu nome é Lucas! Nascia aí um verdadeiro ídolo Tricolor.

Em 2011 Lucas brilhou na seleção brasileira sub-20 comanda pelo técnico Ney Franco, hoje treinador do São Paulo. Ao lado de Neymar, Lucas deu show e conquistou o Sul-Americano, garantindo vaga para as Olimpíadas do ano seguinte.

No mesmo ano foi convocado pela primeira vez para a seleção profissional pelo técnico Mano Menezes. O mesmo Mano que o levou para os jogos olímpicos de Londres e o deixou no banco de reservas. Resultado: Brasil, medalha de prata.

Apesar da idolatria antes do adeus, Lucas também já havia tido problemas com a torcida são-paulina. No início do Brasileirão de 2011, o jornalista André Plihal nos concedeu uma entrevista para falar sobre o documentário do filme de 100 gols do capitão Rogério Ceni.

O jornalista e torcedor tricolor declarado disse estar empolgado com a boa fase do time (na oportunidade o São Paulo havia ganho os cinco primeiros jogos da competição e era líder isolado), mas que não iria se iludir com título ainda, pois o São Paulo possuía muitos jovens em seu time.

Lucas, assim como todo o time, oscilou. Foi quando o garoto conheceu o outro lado da moeda. Críticas de torcedores e de jornalistas, dizendo que o camisa 7 tricolor era individualista e corria de cabeça baixa. Nas eliminações nas duas Copas do Brasil que disputou foi taxado de pipoqueiro. Lucas se abateu? Não. Pelo contrário: mostrou a personalidade que não parecia ter, principalmente pela pouca idade, e deu a volta por cima.

Um garoto de ouro, mas não dourado. Nosso garoto: um garoto vermelho, preto e branco. Um são-paulino.

Agora o nosso garoto foi embora. De cabeça erguida, pelas portas da frente e com a enorme sensação de dever cumprido. Rápido, habilidoso, craque; um jogador mágico que em uma partida tira uma jogada da sua cartola e decide o jogo. Jogador decisivo que deixou saudades.

Quem vai sentir saudades? Todos!



Foto: Vipcomm

**UM GAROTO DE OURO,
MAS NÃO DOURADO.
NOSSO GAROTO: UM
GAROTO VERMELHO,
PRETO E BRANCO.
UM SÃO-PAULINO.**

A torcida, que fez bandeira e gritou seu nome até a sua última descida para o vestiário do Morumbi; as “lucazes”, que choraram no Morumbi e que até foram ao aeroporto para se despedir; jogadores, comissão técnica e jornalistas. Mas, corrigindo a resposta para a frase, não são todos que vão sentir saudades. Com certeza os adversários não vão.

Lucas vestiu o manto sagrado 128 vezes e marcou 33 gols, conquistando dois títulos pelo Tricolor Mais Querido: o da Copa Sul-Americana e mostrar para o mundo inteiro que ainda existe amor à camisa, título que não há dinheiro no mundo que pague – nem mesmo toda a grana paga pelos franceses.

Agora no Paris Saint-Germain outro ídolo tricolor vai brilhar. Boa sorte, moleque! Vai lá, ganha o mundo e volta logo pra casa.

Obrigado, Lucas. Ou, melhor dizendo, *merci beaucoup*.

PEDRO ROCHA, QUE CATEGORIA!

por *Alberto Ferreira*



“**P**edro Rocha é um dos cinco maiores jogadores do mundo”. Esta declaração foi dita no final da década de 60, por ninguém menos que Pelé.

Infelizmente, não tive a oportunidade de ver Pedro Rocha jogar nessa década, quando ele brilhou no Peñarol e na seleção uruguaia.

Pelo Peñarol, foi oito vezes campeão uruguaio, três vezes campeão da Libertadores e bi-campeão mundial. Pela seleção jogou muito na Copa de 66, e em 70 tinha tudo para arrebentar. Mas deu azar ao se machucar logo na estreia.

Pedro Rocha chegou ao Morumbi no ano seguinte, em 71. Mas no começo teve dificuldades. Para começar, a camisa dez era do Gérson. E dizem as más línguas que o uruguaio sofreu um certo boicote por parte das estrelas do time, como Edson, Gérson e Toninho Guerreiro. O treinador na época era Osvaldo Brandão, que acabou escalando o gringo com a camisa oito.

Mesmo com dificuldades, Pedro Rocha foi campeão paulista e vice brasileiro em 71. Mas a partir do ano seguinte foi que a história começou a mudar para ele. E pra melhor.

Gérson voltou para o futebol carioca, e com isso Pedro Rocha herdou a camisa dez. Foi o grande comandante do time nesse período. Seus lançamentos milimétricos deixavam sempre os pontas na cara do gol, principalmente o Terto.

Só que o time tinha mais um problema. A falta de um homem-gol, já que Toninho Guerreiro saiu no meio do ano. E foi aí que o uruguaio começou a mostrar seu faro de artilheiro. A jogada era mortal: Pedro Rocha pegava a bola no meio-campo, lançava um dos pontas e corria pra área. Era gol na certa, gol de centroavante nato. Isso sem falar nas cobranças de falta perfeitas.

Com isso, Pedro Rocha foi o artilheiro do campeonato brasileiro de 1972, juntamente com Dadá Maravilha.

No ano seguinte, as coisas não foram muito bem no primeiro semestre. O time foi mal no campeonato paulista e o uruguaio fez poucos gols.

Mas no campeonato brasileiro a situação voltou a melhorar. Com as chegadas de Waldir Peres, Chicão e Mirandinha, o time voltou a ficar forte e Pedro Rocha voltou a brilhar, levando o time ao vice-campeonato brasileiro daquele ano.

Em 74, o time continuava bem, chegando ao vice-campeonato da Libertadores. No jogo final, contra o Independiente em Santiago do Chile, Pedro Rocha jogou machucado, praticamente sem condição nenhuma de jogo. Tanto é que não pôde bater o pênalti que poderia ter mudado a história daquela competição. Zé Carlos bateu, e o goleiro pegou. Na Copa do Mundo, o time uruguaio foi atropelado pela Holanda de Cruyff, e eliminado logo na primeira fase.

No Campeonato Paulista de 75, Pedro Rocha jogou demais. O São Paulo cumpriu campanha perfeita, chegando a ficar 39 jogos invicto. Na final contra a Portuguesa, Rocha fez o único gol do primeiro jogo (1 x 0), e fez um dos gols da decisão por pênaltis no segundo, levando o time ao título.

O ano de 1976 foi daqueles para ser esquecido. Nada deu certo.

No ano seguinte, chegou Rubens Minelli para ser o novo técnico. E no campeonato paulista Pedro Rocha ainda foi bem, quase levando o time à decisão.

Mas para o campeonato brasileiro Minelli tinha outros planos para o uruguaio. O time mudou completamente, e o gringo não teve mais chances. Para a torcida, era inadmissível ver um time com o meio-campo formado por Chicão, Teodoro e Neca, e o Pedro Rocha de fora. Mas o fato é que o time foi campeão com essa formação, então não há o que discutir.

Terminava aí a história de Pedro Rocha com a camisa tricolor. Um jogador completo, que aliava a técnica refinada com a típica raça uruguaia. As diretorias de São Paulo e Peñarol estão se mobilizando para organizar um amistoso de despedida para ele. Não aconteceu agora por conta do calendário, mas provavelmente deve acontecer no meio do ano. É o que esperamos. Ele merece.

CELESTE Y TRICOLOR (PERO NO MUCHO)

por Bruno Fekuri



Técnico e raçudo, Matosas foi um caso raro de “hermano celeste” que não teve sucesso no Morumbi. Argentino naturalizado Uruguaio, meia, destro, bom de bola. Essas eram algumas características de Gustavo Matosas.

Certamente não é todo são-paulino que se lembra do nosso antigo meia que, apesar de boa técnica e conhecedor do bom futebol, não conseguiu demonstrar toda sua habilidade com nosso manto. Foram somente 19 partidas e cinco gols em sua breve passagem pelo clube do Morumbi.

Revelado pelo gigante Peñarol, chegou em São Paulo com pompa de “Novo Darío Pereyra”, mas, para nossa infelicidade, foi uma rara importação celeste que não vingaria no tricolor. Se ficasse mais tempo talvez a história fosse outra, mas não podemos reclamar de falta de vontade do atleta, que se arriscou até como zagueiro, tentando um replay da história de Don Darío.

Um dos poucos momentos bons de Matosas no Morumbi foi em 12 de setembro de 1993, num majestoso que terminaria empatado graças a ele. Depois de Elias abrir o marcador para o time sem cor aos 39’ do segundo tempo, Matosas apareceria para empatar a partida aos 44 minutos e dar números finais ao jogo.

Pode ser considerado mais um dos ciganos da bola, com 13 clubes no currículo como jogador em seus quase 20 anos de carreira. Teve breves passagens por outros três clubes brasileiros (Atlético-PR, Goiás e Londrina) e encerrou sua peregrinação pelo mundo em 2001, pelo Querétaro do México.

Voltou em 2006 como técnico do Danúbio, do Uruguai, e atualmente está em seu terceiro ano como treinador do mexicano Leon.

Raio-X

Nome Completo: Gustavo Cristian Matosas Paidon

Nascimento: 25 de maio 1967, Buenos Aires, Argentina

Clubes por onde passou: 85-88 Peñarol (URU) | 88-90 Málaga (ESP) | 90-92 San Lorenzo (ARG) | 92-93 Racing (ARG) | 93 São Paulo | 94 Lleida (ESP) | 94-95 Real Valladolid (ESP) | 95-96 Atlético-PR (BRA) | 96-97 Goiás (BRA) | 98-2000 Tianjin Teda (China) | 2001 El Tanque Sisley (URU) | 2001 Querétaro (Mex)

Jogos Pelo São Paulo: 19 jogos | 5 gols | 8 vitórias | 5 empates | 6 derrotas

Titulos pelo São Paulo: Libertadores 93 | Supercopa 93 | Mundial Interclubes 93 | Recopa 93-94

MORUMBI, A NOSSA CASA (DE SHOWS)

por Thiago Moura



Foto: M/Rossi/Divulgação

Caros Tricolores, é com muita honra e satisfação que assino essa coluna de duas grandes paixões: Rock'n'Roll e São Paulo Futebol Clube!

Aqui você perceberá que essas duas coisas têm muito em comum, como por exemplo o fato do nosso capitão Rogério Ceni ser um apaixonado por esse gênero que ultrapassa qualquer barreira cultural, política, religiosa e futebolística.

Nesta primeira edição falarei sobre os principais shows que a nossa casa, o Morumbi, abrigou. Eventos que marcaram época e gerações, fizeram multidões irem ao delírio com canções e performances inesquecíveis, como o primeiro show da história do estádio; a banda que tem a voz mais marcante da história do Rock: Queen.

Em 21 de março de 1981 a banda inglesa não só estreou nosso estádio como casa de shows, mas também foi a primeira grande banda de Rock a se apresentar no Brasil. Este fato se tornou um marco para aquela geração de “roqueiros” que ainda vivia um momento conturbado devido à Ditadura Militar.

O Queen vinha, assim como no primeiro Rock in Rio em 1985, como um “sonho de liberdade”, uma falsa sensação de que poderíamos ser um país de igualdade, em que os livres pensadores poderiam dizer e ouvir aquilo que queriam, sem medo de repressão ou ameaça.

A banda tocou seus clássicos e emocionou quase 200 mil pessoas (estimativas dos jornais da época). Aquele foi o primeiro grande show de rock da história do país onde, na época, nem tudo poderia ser falado e pensado. Mas, naquela noite, as pessoas presentes puderam cantar livremente Love of My Life.

Curiosidade

O baixista do Queen John Deacon ficou impressionado com a empolgação do público brasileiro e decidiu fazer uma justa homenagem: vestir o Manto Sagrado Tricolor. Bela homenagem, John!

Em 1983 foi a vez do Kiss, lendária banda nova-iorquina, trazer o seu mega espetáculo para o Brasil – e o Morumbi cedeu seu gigantismo para abrilhantar tal concerto. Com Vinnie Vincent na guitarra solo e Eric Carr na bateria, além dos membros originais Gene Simmons no baixo e Paul Staley nos vocais e guitarra base, a banda tocou grandes clássicos como Rock’n’Roll all Nigth e canções do renomado álbum Creatures of the Night.

Nos anos de 88, 90, 93 e 94, quem deu as cartas na casa são-paulina foi o Festival Hollywood Rock, com muitas apresentações marcantes de Red Hot Chili Peppers, Sepultura, Titãs, IRA, Alice in Chains, Bob Dylan e o show que ficou marcado como o PIOR SHOW DA HISTORIA DO NIRVANA! Ao saber que o show era patrocinado por uma marca de cigarros, o líder da banda Kurt Cobain decidiu “causar” o show inteiro: tocou músicas mal e porcamente, falou besteiras e até... deixa pra lá; acho que você já sabe, ou imagina, o que ele mostrou para as câmeras que estavam gravando a apresentação.



De lá para cá vários outros artistas renomados se apresentaram na “maior casa de shows” de São Paulo, como Rush. Em 2003, por exemplo, a banda apresentou um show que marcou a volta do grupo canadense aos palcos e é, até hoje, o maior público da banda: 65.000 pessoas. Roger Watters e seu grande espetáculo visual “The Wall”, e a maior banda de metal (minha opinião), o Metallica, com a turnê mundial “World Magnetic Tour” que passou por mais de 200 países, são outros grandes nomes que já pisaram no Sacrossanto.

Alguns desses grandes shows vamos explorar aqui nessa coluna. Curiosidades, entrevistas e dicas de álbuns, DVDs e músicas que combinam com a tradição e grandeza do São Paulo Futebol Clube.

Dica

Para começar bem indico uma música que fez o Morumbi se emocionar em 2007: “Dream on” do Aerosmith. Essa música fala que não devemos desistir dos nossos sonhos, até que eles virem realidade.

Até a próxima, saudações tricolores e rock on!!!

Foto: Divulgação Rai10

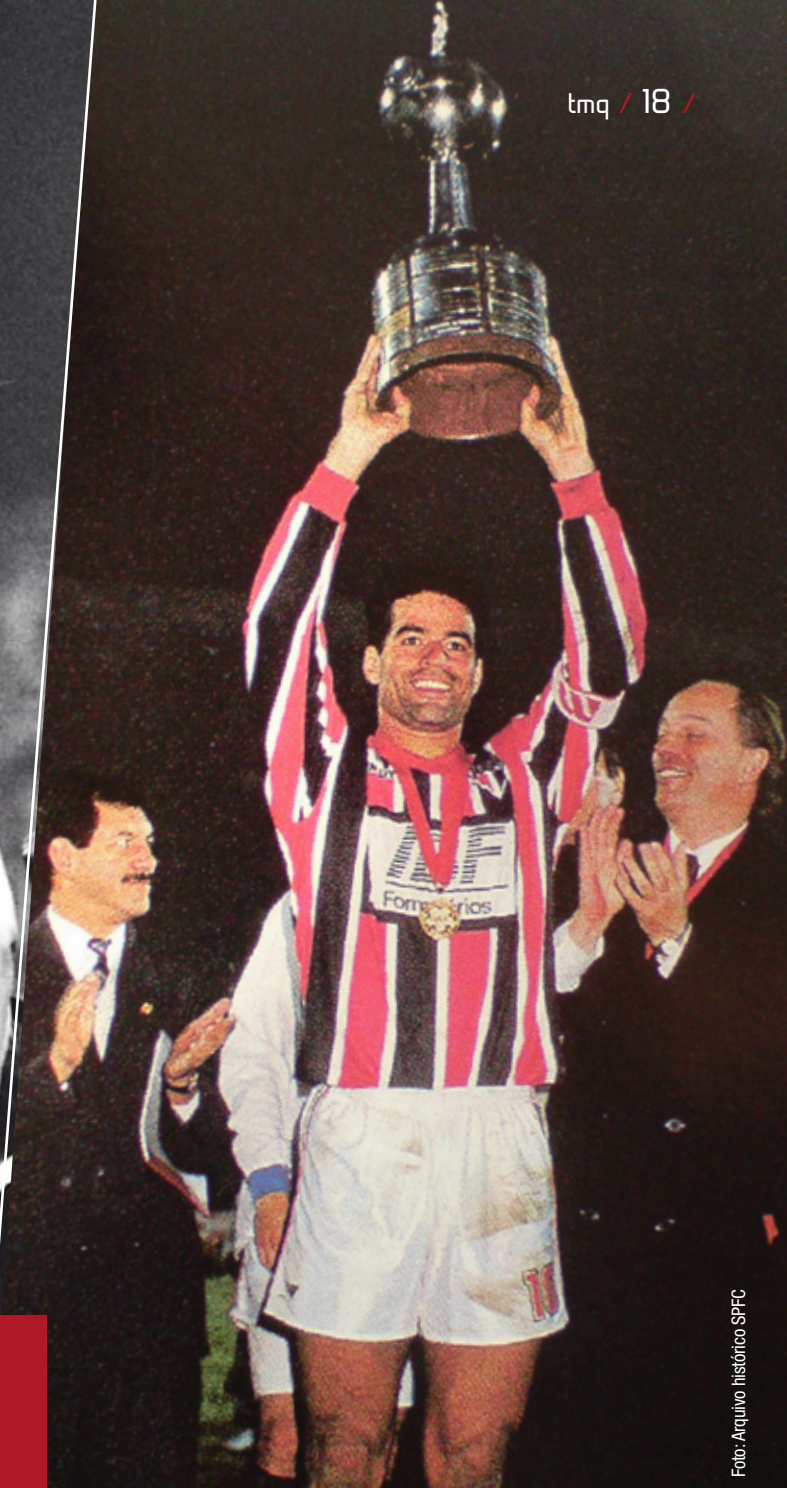


Foto: Arquivo histórico SPFC

OBJETIVO: RECONQUISTAR A AMÉRICA



Foto: Arquivo Histórico SPFC

Nas Arquibancadas do Morumbi um grito paira pelo ar: “O campeão voltou”.

Voltamos! Voltamos a disputar o torneio que tanto amamos e o que mais nos identificamos, a taça Libertadores da América.

Nas próximas páginas vamos mostrar através de números e fatos porque a nação são-paulina e até jogadores sonham com este torneio. Tetra à vista!

por VINÍCIUS RAMALHO e LEONARDO LÉO

Disputar uma Libertadores e ser respeitado por onde passa não é para qualquer um. Para vencer em campos acanhados, com a torcida fazendo um inferno na vida dos adversários e juízes caseiros que na dúvida beneficiam os anfitriões, é preciso um time com muita raça, malandragem e técnica.

Não é à toa que o São Paulo se credencia como favorito todas as vezes que disputa a principal competição do continente. Isso porque está no país da seleção com o maior número de títulos mundiais e soma 3 taças em sua galeria de troféus.

Além disso é o clube nacional com o maior número de participações. Em 2013 o São Paulo vai disputar sua décima sexta Libertadores. A primeira vez foi em 1972 e a última em 2010, quando o Tricolor Mais Querido teve uma sequência de sete participações consecutivas. Agora o São Paulo volta com um elenco forte e vacinado pela conquista da Copa Sul-Americana.

Se olharmos o time base que deve jogar a estreia na fase de grupos, cada setor do time tem um jogador para mandar no pedaço.

Nem vamos falar do goleiro pois lá tem o Mito e dele falaremos separadamente a seguir. Na zaga, Lúcio chegou para ser o xerife da defesa e trás em seu currículo a experiência de ter sido capitão da seleção brasileira na última copa do mundo.

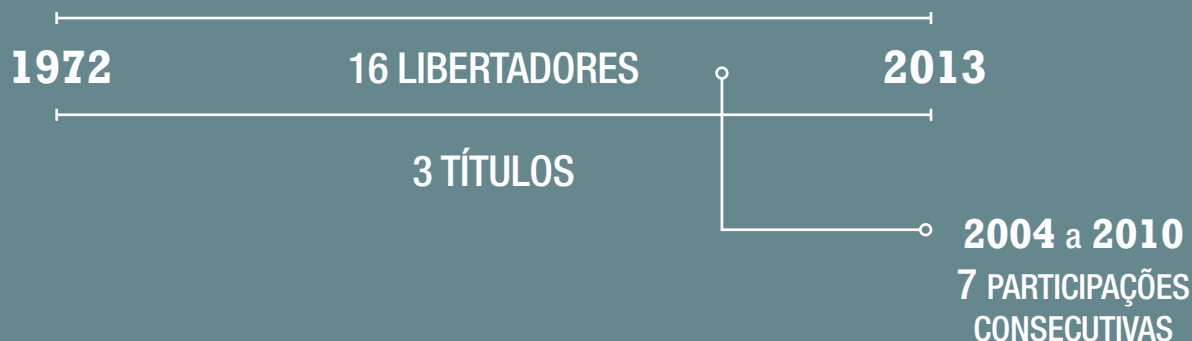
No meio campo, além de uma dupla de volantes com Wellington e Denílson, que podem fazer o mesmo sucesso que Mineiro e Josué, Paulo Henrique Ganso vai ter a oportunidade de reviver o bom futebol do início de carreira e ser o meia que todo torcedor quer ter em seu time.

No ataque Luís Fabiano terá a oportunidade de calar os críticos e mostrar que, além de ser mestre em balançar as redes, pode também ser o ídolo decisivo e entrar para a história com um título que eterniza qualquer jogador.

Ney Franco chegou ao São Paulo batendo no peito e dizendo que queria ser cobrado pois estava em time grande, com estrutura e que tinha que brigar para ser campeão. Cumpriu a promessa com o título da Sul-Americana e ganhou a confiança dos dirigentes e da torcida.

**TODOS ESSES
INGREDIENTES FAZEM
O SÃO PAULO FORTE.
FORÇA QUE VIRÁ DE
DENTRO DO CAMPO E
DAS ARQUIBANCADAS
LOTADAS COM 70 MIL
FANÁTICOS PELO
TRICOLOR DO MORUMBI.**

Vamos rumo ao Tetra, que em 2010 esteve muito próximo, mas escapou por entre os dedos. A hora é agora; avante Tricolor!



O CAPITÃO AMÉRICA

Escanteio para o São Paulo aos 48 minutos do segundo tempo. O placar do Morumbi aponta São Paulo 2 X 1 Internacional, resultado que desclassifica o Tricolor e classifica os colorados, já que o primeiro duelo no Beira-Rio o Inter havia vencido por 1 a 0. Em um ato de desespero o goleiro-artilheiro Rogério Ceni vai para a área em busca de mais um gol; o maior ídolo são-paulino, acostumado a fazer milagres com as mãos e com os pés, tentava fazer o primeiro com a cabeça. Não fez e ainda impediu que outro jogador fizesse. Rogério fica parado em frente ao goleiro Renan, o árbitro marca a falta e logo em seguida apita o final da partida.

Esse era o último lance do São Paulo na Libertadores de 2010. Não poderia ser o último lance de Rogério Ceni em uma Libertadores. Amparado por Hernanes, hoje na Lazio, o Mito deixou o Morumbi chorando. O capitão saiu de campo aos prantos, pois sabia que aquela poderia ser a sua última chance de conquistar a América.

Não foi. Dois anos depois, após disputar por duas vezes a Copa do Brasil, o São Paulo volta a disputar o torneio de seu continente.

Os Deuses do futebol não fariam isso com o maior jogador da história do São Paulo Futebol Clube. O capitão Rogério Ceni, não à base de orações para os deuses mas sim com muito trabalho, fez a sua parte para colocar o Tricolor de volta à Libertadores – torneio que a torcida ama e respira.

Foi dele o primeiro gol na vitoriosa campanha do inédito título da Sul-Americana, contra o Bahia.

Com o título da Sul-Americana e a quarta colocação no Brasileirão do ano passado, o São Paulo garantiu presença na pré-Libertadores. Feito inédito para o São Paulo e para o Rogério Ceni.

Chance de ouro para o Mito escrever mais um capítulo na sua gloriosa carreira.

O garoto que viu, das arquibancadas do Morumbi, Zetti voar para pegar o pênalti de Gamboa e dar a primeira Libertadores para o São Paulo em 1992; que do banco de reservas, ainda com cabelos, assistiu o São Paulo conquistar o bicampeonato no ano seguinte.

O cara que viu escapar pelas luvas a chance de disputar uma grande final na Libertadores de 2004, após levar um gol do Once Caldas nos últimos minutos, mas que teria uma nova chance em 2005, alcançando a redenção e se tornando o principal jogador da equipe na conquista, artilheiro com cinco gols e levantando a taça, mostrando para todos que a América voltava a ser vermelha, preta e branca.

O mesmo cara que foi eleito o maior jogador brasileiro em Libertadores por torcedores, através do site Pasión Libertadores, portal que possui o aval da Conmebol. Desbancando apenas Pelé e Zico.

Agora ele tem uma nova chance, talvez a última.

Todos os times tem goleiro. Só nós temos o Capitão América.



Caminho para o Tetra

Depois de superar o Bolívar na pré-Libertadores, o São Paulo não terá vida fácil. Não caímos em grupo da morte, mas podemos dizer que o Tricolor do Morumbi, caiu em em grupo teoricamente “chato”.



O São Paulo irá integrar o grupo 5, juntamente com outro clube brasileiro, o Atlético Mineiro.

Empolgado com a campanha do último campeonato brasileiro e embalado pela volta do bom futebol de Ronaldinho Gaúcho, o Galo sonha em conquistar sua primeira Taça Libertadores. Deve transformar o Independência em um caldeirão e jogar lá não vai ser nada fácil. Vamos ficar atentos com a equipe comandada pelo técnico Cuca.

Foto: Sylvio Coutinho/Secopa

Além do Galo Mineiro, outro time que promete dar muito trabalho ao Tricolor, é o Arsenal da Argentina.

Nunca é fácil enfrentar um adversário hermano, ainda mais depois dos acontecimentos no duelo contra o Tigre. Neste confronto contra a equipe de Sarandi, o São Paulo vai encontrar com um ex-jogador, o lateral Adrian González.



Foto: Arsenico



Para fechar o grupo, o São Paulo irá enfrentar o time boliviano The Strongest, que de forte não tem nada, a não ser quando o assunto é altitude, o “principal jogador” boliviano.

Foto: psyberartist



Quer ganhar um livro e uma camisa autografados pelo ídolo Raí?

É só postar a seguinte frase no Twitter:

Baixe a nova Revista TMQ no revista.tricolormaisquerido.com.br e concorra a livro e camisa autografados pelo Raí! #revistaTMQ

Atenção: para participar do sorteio a frase precisa ser publicada exatamente como estamos indicando (incluindo a hashtag #revistaTMQ).*



Raí nasceu em Ribeirão Preto (SP), em 1965. Iniciou a carreira no Botafogo Futebol Clube de sua cidade natal aos 15 anos. Passou pela Ponte Preta, voltou ao Botafogo e, em 1987, foi contratado pelo São Paulo. A primeira passagem pelo clube duraria seis anos, coroada por sete grandes títulos, entre os quais um Brasileiro, duas Libertadores e o Mundial de Clubes de 1992 - ano em que também conquistou o prêmio de melhor jogador da América do Sul, concedido pelo jornal uruguaio *El País*.

1992

(*) Confira o regulamento completo em: www.tricolormaisquerido.com.br/raí/regulamento



Foto: Arquivo histórico SPFC

PALHINHA

Jorge Ferreira da Silva, ou simplesmente Palhinha. Revelado pelo América Mineiro, foi recomendado ao Tricolor Mais Querido pelo Mestre Telê Santana e se tornou peça fundamental em um time que ganhou tudo que disputou.

Atualmente trabalha nos Estados Unidos e achou um tempo para atender a Revista TMQ. Confira essa entrevista histórica para a primeira edição da nossa publicação.

por VINÍCIUS RAMALHO

“FAZER O QUE EU FIZ NOS QUATRO ANOS DENTRO DO SPFC NÃO VAI TER”

O São Paulo está voltando à Libertadores e você participou de um time que fez o clube entrar para o hall dos grandes vencedores da competição. Quais os segredos para vencer esse campeonato?

O mais difícil nesta competição é ter realmente um time competitivo e que todos procurem fazer a sua parte. Colocar em primeiro lugar o nome do clube e depois a importância própria para que o time faça dentro de campo o que cada um tem em individual. Deixar o ego de lado e correr todos para o mesmo lado. Hoje o SPFC é visto como favorito sempre que disputa a Libertadores, pelo respeito que adquiriu por ter vencido todas que venceu.

Sobre as dificuldades encontradas para jogar fora do Brasil na década de 90, como eram a recepção, as condições de vestiários e segurança para a delegação?

Isso não mudou muito hoje não. A forma com que alguns times, torcedores, condições de vestiários, estádios e algumas coisas extras que acontecem até começar o jogo, isso tudo para alguns pode intimidar o seu time, mas para o SPFC isso nunca foi problema. É um time acostumado a enfrentar adversários muito maiores dentro de campo do que os problemas fora do gramado. Na maioria das vezes nós que intimidávamos, por isso conquistamos tudo que o que conquistamos. E vai sempre conquistar mais.

Você foi artilheiro da Libertadores em 92, fez gol na final do Mundial de 93 e era um dos principais jogadores de um dos maiores times da história do São Paulo. Foi a sua melhor fase na carreira?

Eu nunca posso negar que o SPFC foi tudo de bom na minha vida profissional e pessoal. Fui muito feliz em todos os momentos dentro do clube e, mesmo nas derrotas, eu vi o quanto éramos respaldados

pelos nossos comandantes e torcedores. Tive ótimos momentos no Cruzeiro também, e foi onde muitos achavam que eu poderia ter perdido um pouco da qualidade e de ser campeão de novo. Lá ajudei o clube a ganhar mais dois campeonatos mineiros, uma Copa do Brasil e uma Libertadores. Agradeço sempre ao Cruzeiro por ter investido em mim também.

Qual o gol mais importante nessa sua passagem pelo São Paulo?

Eu acho que não é justo falar de um gol mais importante. Todos foram importantes e sempre foi muito bom ver, depois dos gols, a felicidade que a gente consegue passar ao torcedor. Por isso eu acho injusto ter um gol mais importante que o outro.

Em 1994 você perdeu um pênalti na final da Libertadores contra o Vélez. Se arrepende de ter feito a cobrança?

Sempre falei desse pênalti e sempre disse que bateria de novo e sem medo nenhum. Eu era o baterador oficial do time e nunca fugiria das minhas responsabilidades dentro de campo. Poderia perder de novo, mas bateria de novo. E não me arrependo de nada que fiz dentro de campo porque eu sempre fui muito profissional e respeitei as cores das camisas que vesti e dos meus adversários.

Fale da catimba do goleiro Chilavert naquele jogo.

Ele era um dos melhores goleiros do mundo, era igual aos outros goleiros experientes que enfrentei. Vamos dizer que a experiência te faz ser mais catimbeiro, assim foi Chilavert. Conheci ele em 1996, no Uruguai, conversamos um pouco fora do campo. É uma boa pessoa.

Quem foi Telê Santana na sua carreira?

Telê foi tudo na minha vida profissional, TUDO. É assim que posso definir a importância do Telê para mim.

Existe algum jogador no elenco atual do São Paulo que se assemelhe ao seu estilo de jogo?

Não tem não e nunca vai ter, cada um com seu estilo. Pode ter melhor, mas fazer o que eu fiz nos quatro anos dentro do SPFC não vai ter.

Conte sua história

por Jussara Araújo

Todo mês aqui na Revista TMQ você lerá a história de um grande são-paulino. Na primeira edição escolhemos um tricolor que está sempre nas arquibancadas do Morumbi e que é um dos maiores colecionadores de camisas do São Paulo: Kauê Lombardi



Nome: Kauê Lombardi

Idade: 29 anos

São-paulino desde: 1983 (quando minha mãe descobriu que estava grávida).

Como virei são-paulino: De fato, eu já nasci São-paulino. Meu pai era um torcedor assíduo do clube e, antes mesmo de eu nascer, ele fez questão de deixar claro que o meu time do coração seria o São Paulo. Não tinha como ser diferente.

Meu jogo inesquecível foi: São muitos, mas vou resumir em três inesquecíveis e três que gostaria de esquecer:

O título da primeira Libertadores a gente nunca esquece. Nem o segundo e nem o terceiro. Mas esse jogo contra o Newell's foi inesquecível: "Partiu Gamboaaa, bateu... ZETTTTTTTTTTTTTT!"

Me arrepio toda vez que lembro. O jogo contra o Liverpool na conquista do terceiro mundial provou que o meu coração era mais forte do que eu imaginava. Foram vários dias de tensão pré-jogo e 90 minutos de insanidade total. Quando o juiz apitou o fim de jogo, eu ainda fiquei uns 10 minutos olhando para o campo, sem entender como ganhamos aquele jogo. Foi sensacional! E o jogo contra o Small na "Arena Ceni", quando o melhor goleiro do mundo fez seu 100º gol bem diante dos meus olhos.

E os jogos para esquecer: Os três jogos que eu (e 18 milhões de São-paulinos) gostaríamos de esquecer são:

- 1994 final da Libertadores contra o Vélez.
- 2000 final da Copa do Brasil contra o Cruzeiro.
- 2006 final da Libertadores contra o Internacional-RS

Meu herói tricolor é: Meu pai.

Se eu pudesse escalar um São Paulo com jogadores de todos os tempos, minha escalação seria:

Sei que tivemos inúmeros craques durante toda a história do clube, porém, vou escalar jogadores que vi jogarem ao vivo das arquibancadas do Morumbi, a partir de 1990.

E, para não cometer injustiça, coloquei entre parênteses outros jogadores inesquecíveis que ajudaram a construir o SPFC tal como ele é hoje e, por isso, merecem todo o meu respeito e admiração.

Rogério Ceni (Zetti/Waldir Perez), Cafú (Forlán), Lugano (Roberto Dias), Miranda (Oscar), Serginho (Canhoto/Nelsinho), Mineiro (Zizinho), Pintado (Josué/Chicão), Raí (Gerson), Kaká (Pita/Silas), Muller (Careca) e Luis Fabiano (Serginho Chulapa/Leônidas da Silva).

Técnico: Mestre Telê Santana

Minha história inesquecível como torcedor é:

Um jogo que marcou demais a minha vida como São-paulino foi a partida contra o Vélez Sarsfield (ARG) no dia 31/08/1994. Fui para o jogo com a minha família e, chegando ao Estádio, não conseguimos entrar, pois a PM havia proibido a entrada pelo estádio já estar com lotação máxima. Muitos torcedores que não haviam conseguido comprar os ingressos invadiram o estádio e, infelizmente, nós ficamos do lado de fora com os 5 ingressos na mão. Chorei muito.

Assisti o primeiro tempo inteiro em uma televisão de 15 polegadas na barraca de pernil em frente ao estádio. Por sorte (ou azar), morava relativamente perto e consegui acompanhar pela televisão de casa o restante da partida.

Apesar do resultado, entendi ali que o SPFC era pra mim muito mais do que um time de futebol, era uma religião. Ganhando ou perdendo, eu sempre estaria ao seu lado. Tornei-me um São-paulino ainda mais apaixonado pelo clube após essa derrota e a partir dali não perdi mais nenhuma partida no estádio do Morumbi. Literalmente.

Hoje, se eu fosse presidente do clube, mudaria: Mudaria o sistema autoritarista que hoje impera no SPFC, que permeia inclusive como se elege o presidente do clube.

O primeiro passo seria a profissionalização de cargos capitais para o clube, como MKT, comunicação, gerência (como exemplo a da base), entre tantos outros.

E, posteriormente, atribuiria um papel fundamental para a torcida na escolha direta dos candidatos à presidência: o processo se daria através dos sócios torcedores com tempo determinado de associação e que estejam em dia com o seu plano. Após a escolha dos candidatos, ficaria à critério dos conselheiros a escolha do presidente, afinal, os conselheiros estão lá justamente por conhecerem a fundo as necessidades do clube (ou deveriam saber). Entre muitas outras.

Minhas três maiores razões pra ser eternamente tricolor são:

1. Estrutura:

Estádio Cícero Pompeu de Toledo (construído com dinheiro próprio, fruto de muito esforço e dedicação de antigos torcedores e dirigentes São-paulinos)

CCT Cotia (referência Mundial na preparação e capacitação das categorias de base)

Reffis (responsável pela visita de fisiologistas e médicos do mundo todo, em busca de referências na área de fisiologia)

2. Títulos:

- 6 Brasileiros (legítimos e sem asteriscos)
- 3 Libertadores (legítimos e sem asteriscos)
- 3 Mundiais (legítimos e sem asteriscos)

3. Torcida

18 milhões de pessoas movidas pelo mesmo ideal: São Paulo Futebol Clube.

1974: O ano que descobrimos a América

por Roney Altieri



Dizem que as conquistas que não são construídas à base de muita luta pouco valor tem.

Os mais novos nascidos e acostumados à Soberania 6-3-3 poucas vezes souberam do quanto o “time da Fé” teve que quebrar pedras para chegar naquilo que hoje temos.

Vendemos o Canindé, amargamos 13 anos de fila Paulista por conta da construção do Morumbi e passamos muito sufoco até que a nossa primeira Libertadores surgisse.

Uma coisa é certa: nunca ganhamos mundial sem ter ganhado uma Libertadores e nem fomos eliminados de uma pré-Libertadores.

Ah! Série B também não é nossa rotina.

Enfim, abro o “Baú Tricolor” com uma história de final não tão feliz, mas que tenho a certeza que nos deu força para sermos o que somos hoje: o ano, 1974.

Tempos que a Libertadores era disputada mais na base da porrada do que da bola. Nessa época um tal adversário nem tinha ideia do que era disputar uma Libertadores. Pois bem. Vínhamos de dois vice-campeonatos Brasileiros e estávamos há muito batendo na trave. Esse vice-Brasileiro nos credenciou a disputar a Libertadores.

Logo de cara eliminamos nosso arquirrival da época e freguês atual: Palmeiras. Foram duas vitórias, 2x0 e 2x1. Mas o espaço aberto do “Baú” é guardado mesmo para as emocionantes partidas finais.

Em 12/10/1974, num Pacaembu lotado, enfrentamos o “terror argentino”, maior ganhador de Libertadores: o Independiente de Avellaneda.

Valdir Peres, Nelson, Paranhos, Arlindo e Gilberto (a defesa que viria a ser campeã paulista de 75). Ademir (Chicão) e Pedro Rocha. Terto, Zé Carlos (Mauro), Mirandinha e Piau, dirigidos pelo nosso querido José Poy, foram os verdadeiros heróis da primeira partida.



Os argentinos abriram o marcador com Sagioratto para, na sequência, protagonizarmos uma das mais fantásticas viradas da história Tricolor, com Pedro Rocha e Mirandinha. Pronto, um empate nos bastava para que nossa primeira Libertadores chegasse.

Quatro dias depois no “Inferno Rojo de Avellaneda” a coisa ficou feia. Pedras nos jogadores do São Paulo voavam mais que rojões e foi praticamente impossível conseguir um resultado positivo. No final, 2x0 e a decisiva e terceira partida em Santiago do Chile, o “campo neutro”.

Em 19/10/1974 fomos a campo com Valdir Peres, Forlán, Paranhos, Arlindo e Gilberto (Nelson), Chicão e Pedro Rocha. Mauro, Zé Carlos (Silva), Mauro, Mirandinha e Piau. Um novo inferno vermelho e pressão o tempo todo. Da lembrança, a partida várias vezes parada pelas pedradas direcionadas para Valdir Peres, o gol de Pavoni

para os argentinos e o pênalti perdido por Zé Carlos (e pensar que 20 anos depois Palhinha perderia o pênalti que nos daria o Tri seguido justamente contra um argentino), que levaria a partida para os pênaltis.

A alegria de ver Terto e Pedro Rocha dividirem a artilharia com sete gols cada contrastada com a tristeza da vitória que não veio.

Dor no coração, mas a certeza que ali estava se forjando uma das mais belas histórias do futebol brasileiro.

Agora que voltamos a Libertadores, nossa tão querida e almejada Taça três vezes conquistada, não poderia deixar de lembrar esse momento tão glorioso da vida Tricolor.

E como andam dizendo por aí: não voltamos a disputar a Libertadores, é a Libertadores que voltou a ser disputada.

Abraços e Avante “Tu és forte, Tu és grande” Tricolor!

“¡El campeón volvió!”

por *Ulises Cárdenas*

Queridos TRicolores do Brasil e do mundo, é com imenso prazer que lhes apresento a coluna “La Cancha”. O nome, sugestivo, nos remete ao crivo mais importante de nossa equipe vermelha, branca e preta: as conquistas internacionais!

Os torcedores Tricolores sabem bem o que é disputar um título internacional. Não é um sentimento recente, que começou há um ano, nem há dois, nem há três. É algo que vem de muito tempo. Algo tão natural que, tanto na altitude de La Paz ou no caldeirão que é La Bombonera, para o São Paulo “se hace chica la cancha”*.



Uma paixão que começou em 1972 e se estende até hoje, tornando o Mais Querido o clube brasileiro que mais disputou e conquistou títulos internacionais. São 12 títulos reconhecidos oficialmente pela FIFA e Conmebol – dos quais 3 são mundiais – e outros 48 não oficiais. Tudo isso em 77 anos de história.

Se compararmos o clube do Morumbi com os adversários do globo terrestre entenderemos porque somos os Soberanos Brasileiros. No ranking de clubes com títulos internacionais, aparecemos em 7º lugar, com nossos já mencionados 12 títulos. Isso nos coloca à frente de qualquer outro clube das terras canarinhas. Para se ter ideia, nosso primeiro adversário brasileiro a aparecer depois de nós está em 14º lugar.



Fotos: Rubens Chiri / saopaulofc.net

Agora, existe uma Taça, uma meta, um objetivo que se tornou mais que um desejo, é uma obsessão doentia. Não podemos viver sem ela, e ela não pode viver sem nós, e este ano voltamos a disputá-la: a Copa Libertadores da América.

O que dizer sobre um campeonato que já disputamos 16 vezes (mais do que qualquer outro time brasileiro), chegamos a seis finais e levantamos a tão desejada taça em 3 gloriosas noites? Na última, brandida pelo Capitão, o M1TO, Goleiro Artilheiro Rogério Ceni. Que aliás, também é o artilheiro de nossa Nação Soberana em Libertadores com 12 gols e o jogador que mais atuou na competição, defendendo a nossa meta 72 vezes.

Este ano voltamos ao nosso lugar. A batalha será dura e com muita catimba, claro. Atravessaremos o altiplano, os pampas, a Cordilheira dos Andes. Não importam as condições ou adversidades, conhecemos esse tipo de jogo, estamos acostumados a vencer esse tipo de jogo.

Sabemos que você, que está lendo este singelo e apaixonado texto, sentirá o sangue ferver assim que nossos guerreiros entrarem em campo, porque essa é nossa tradição, esse é o nosso destino. Sempre foi.

*Em português: “o campo fica pequeno”.

Penalty faz história

Parceira do São Paulo na década de 90, quando o tricolor ganhou tudo, empresa de material esportivo está de volta
por Renato Ferreira



A pós sete vitoriosos anos sendo vestidos pela Reebok, o contrato com a empresa chegou ao fim. Dificilmente alguém mais conseguirá um Tri-Hexa, além do recente título da Copa Sul-Americana que fechou o contrato com chave de ouro.

Próximo do final do contrato, ainda em 2012, a diretoria começou a buscar uma sucessora. Para a torcida e grande parte da diretoria tricolor a favorita era a alemã Adidas, uma marca que traria visibilidade internacional e com certeza belos modelos de camisa. Mas a marca que vestiu a dupla Dodô e Aristizabal em 1997 não apresentou nenhuma proposta oficial que agradasse a cúpula do Maior do Mundo. A única empresa que colocou na mesa de Juvenal Juvêncio uma proposta digna da grandeza do Tricolor foi a nacional Penalty.

De início, o acordo desagradou a torcida e a maior parte dos dirigentes e conselheiros. Havia rumores de que ainda poderia ser costurada uma negociação com alguma grande fornecedora internacional, mas entre todas as sondagens, nenhuma se propôs a cobrir a oferta da empresa brasileira. Afinal, o “maroto” JJ sabia que precisaria fechar um contrato com valores astronômicos para superar as receitas dos outros times do país (em especial do rival SCCP).

E conseguiu! Juvêncio assinou o que hoje é o maior e mais interessante contrato de fornecimento de material esportivo do país que supera tanto os rivais da Zona Leste, quanto os cariocas do Flamengo.

Mas enfim, quais os valores e benefícios pagos ao Tricolor pela Penalty?

Por um acordo firmado inicialmente por três temporadas, o time embolsará R\$ 108 milhões, ou seja, R\$ 36 milhões por temporada, superando os R\$ 31,3 milhões pagos pela americana Nike ao SCCP e os R\$ 35,6 milhões pagos ao Flamengo, pela Adidas.

O contrato com a Reebok rendia menos da metade, aproximadamente R\$ 15 milhões por temporada.

O acordo ainda prevê a instalação de lojas temáticas do Tricolor Mais Querido, inclusive a mega loja no Morumbi, que será realocada de lugar devido a construção da arena multiuso próximo às arquibancadas amarelas. Royalties pela venda de camisas, premiações por conquistas e diversas ações de marketing conjuntas que renderão mais receitas para o clube. Outro bônus do acordo é o investimento de R\$ 1,5 milhões por ano na montagem e manutenção de um time profissional de futsal para o SPFC, além de investimentos nas categorias de base e no CFA de Cotia.

Para se ter ideia, em um comparativo feito pelo blogueiro setorista do SPFC no portal Globo.com, Daniel Perrone, o acordo entre o Tricolor e a Penalty é maior do que o acordo da Juventus (ITA), detentora do décimo maior contrato de fornecimento de material da Europa. A “velha senhora” recebe anualmente aproximadamente R\$ 35 milhões. Mais uma vitória do Maior do Mundo, que entra no hall dos dez maiores europeus.

Libertadores

2013

VAMOS

Lutar

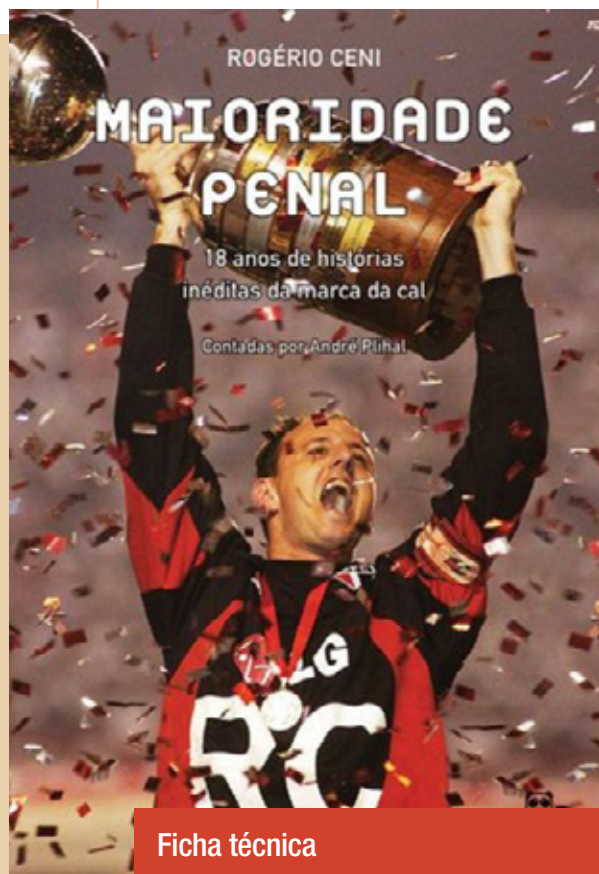
PELO

TETRA



Maioridade Penal

por *Fabrício Gomes*



Ficha técnica

Autor: André Plihal

Ano: 2009

Páginas: 204

Editora: Panda Books

Olá Amigos! Pensei muito sobre o livro que inauguraria essa seção. Olhei para vários, separei alguns, lembrei de tantos outros. Enfim, resolvi homenagear o símbolo máximo Tricolor dos últimos anos. Aliás, esse pode ser o último ano de sua extensa carreira sob as traves. E nada melhor do que iniciar esse ano de 2013 com Rogério Ceni, sinônimo de São Paulo Futebol Clube eternamente.

Este livro foi escrito em conjunto pelo Capitão e pelo jornalista André Plihal (que também é Tricolor), aquele mesmo da rede ESPN. Os dois escreveram essa obra numa fase bem aguda, durante a reta final do Brasileirão de 2008, que coroou o goleiro como o primeiro capitão a levantar o troféu de campeão nacional por três anos consecutivos. Este é apenas mais um dos recordes contados por eles neste livro.

São mais de 50 histórias contadas pelo próprio Rogério. Algumas tristes, outras alegres, tantas engraçadas, mas muitas são esclarecedoras. Como exemplo, pego a intitulada “Sem licença para bater falta”, que explica como foi o período em que o M1to foi proibido pelo então técnico Mário Sérgio de executar o que se mostrou mister em fazer. RC conta como foi a experiência e as conseqüências disso em sua carreira e no clube.

O Mestre Telê Santana não passa em branco e é citado em diversas histórias, sempre com seu jeitinho “carinhoso” de ensinar a vida aos atletas. Jogadores como Cafu, Vitor, Gilmar e Zetti também são lembrados na trajetória de Ceni. O Goleiro lembra, com pesar, de Alexandre, goleiro promissor que faleceu num acidente em 1992.

Ao final, há muitas fotos e um encarte com todas as camisas utilizadas pelo goleiro-artilheiro, desde 1992 até 2008, inclusive as comemorativas.

Nas palavras do próprio ídolo: “Escrever dá mais trabalho que eu imaginava. E olha que este trabalho teve uma ‘forcinha’, porque foi concebido na melhor hora possível: já nasceu TRI-HEXA”.

Um abraço e boa leitura!

Fala rapaziada

por Alberto Silva

Sim, estamos de volta!!! Estamos de volta ao torneio que mais gostamos, que é a nossa cara. Podem falar o que quiserem, mas Libertadores sem o São Paulo não é Libertadores.

Depois do Bolívar, nossas atenções agora se voltam para a fase de grupos. Caímos num grupo bem mais ou menos.

Começamos pelo Atlético-MG. O time fez um excelente Brasileirão, e praticamente manteve a base do ano passado. E jogar no Independência é sempre complicado. Acredito que vamos brigar com eles pelo primeiro lugar do grupo.

Depois vem o The Strongest da Bolívia, também conhecido como “O Mais Forte”. Só que de mais forte esse time não tem nada, só a altitude de La Paz. Essa é a parte mais complicada, jogar lá não é fácil. Lembro que o time campeão de 2005 jogou lá e só empatou (3 x 3), num sufoco danado. Temos que jogar com inteligência, todo cuidado é pouco.

Completando a chave, temos o Arsenal de Sarandí, da Argentina. Esse aí é meio Tigre(só que um pouco melhor), campo pequeno, torcida em cima. Em casa eles jogam mais na base da intimidação, contando também com a arbitragem caseira. Jogo lá é sempre complicado.

Mas mesmo com essas dificuldades, tenho certeza que passamos de fase. A dúvida é se em primeiro ou segundo, já que o Galo deve vir bem.

Dando uma olhada nos demais participantes, apesar da Libertadores ser uma competição onde sempre pinta alguma surpresa, acho muito difícil o campeão não ser um brasileiro. São Paulo, Corinthians, Grêmio e Fluminense vêm forte. Acho que o campeão sai daí.

Bom, dia 13 de fevereiro é a estréia contra o Galo, no Independência. Parada indigesta, mas a Libertadores é assim. E o que é difícil é mais gostoso, certo?

É isso aí. Por enquanto é o que tem. Até a próxima.



TRICOLOR EM NUM3R05

19.01.13 a 30.01.2013

Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	GP	GC
4	3	0	1	12	5

Artilheiros

Luis Fabiano	4
Jadson	3
Oswaldo	2
Rogério Ceni	1
Cañete	1
Ganso	1

Próximos Jogos

06.02.2013	São Paulo x AA Ponte Preta
09.02.2013	Guarani FC x São Paulo
13.02.2013	Atlético MG X São Paulo
17.02.2013	São Paulo x Ituano FC
20.02.2013	AD São Caetano x São Paulo
24.02.2013	São Paulo x CA Linense
28.02.2013	São Paulo x The Strongest (BOL)

108 Gols!

Com o gol anotado diante do bolívar, o MITO chegou à impressionante marca.





Revista TMQ

toda 1^a segunda-feira do mês
você conta com um novo meio para
saber tudo sobre o SPFC.

@RevistaTMQ

facebook.com/RevistaTMQ

www.tricolormaisquerido.com.br